



Metodologia da Educação Não Formal

Por pe. George Boran, CSSp.

Quando ouvimos a palavra EDUCAÇÃO, pensamos quase exclusivamente em EDUCAÇÃO FORMAL: escolas, faculdades, professores e salas de aula. A Congregação Espiritana está envolvida em EDUCAÇÃO FORMAL (escolas), mas está prioritariamente envolvida em EDUCAÇÃO NÃO FORMAL (paróquias, comunidades, cursos e diferentes tipos de movimentos sociais e religiosos). Gastamos muito tempo e recursos na preparação de professores e administradores para o sistema de Educação Formal e, muitas vezes, gastamos pouco tempo e recursos na preparação de líderes e agentes pastorais para serem afetivos no sistema de educação não-formal. Frequentemente, deixamos de aproveitar a formação no seminário e o trabalho pastoral para treinar uma nova geração de espiritanos nas habilidades da educação não-formal. É o mesmo que preparar cirurgiões, dando-lhes a teoria necessária sobre o funcionamento do corpo humano sem treiná-los para desenvolver habilidades práticas para a cirurgia.

p. 5

Benvindos

Neste número, os dois artigos do Brasil convidam-nos a sair das nossas rotinas se consideramos a educação como parte integrante da nossa Missão. São textos escritos por Espiritanos que recusaram ficar presos na mentalidade da escola clássica. As narrativas do seu caminhar com o povo lembram-nos, com eloquência, que não existe educação 'genérica'. Somos constantemente desafiados a imaginar os métodos educativos mais adequados às necessidades do povo com quem estamos em Missão. Isso poder tornar-se uma tarefa exigente, pois pode acontecer que sejamos obrigados a reinventar os nossos modelos e os nossos métodos próprios em matéria de educação. Podemos todos, com proveito, inspirar-nos nas experiências partilhadas nas páginas que se seguem, em particular no domínio da educação formal.

O artigo sobre o Uganda conta uma história maravilhosa com a convicção de que a nossa presença na Missão deve fazer a diferença para aqueles que têm necessidade dela. É isto que ilustra o compromisso dos Espiritanos em favor de uma escola para crianças surdas, em Mulago, nas periferias de Kampala.

Para todos, uma boa leitura!

Pe. Florentine Mallya, CSSp.

Coordenadora de Formação e Educação

Metodologia da Educação Não Formal

P. 1 & 5

Uma teologia de esgotos

P. 2

Missão Espiritana no Uganda e a Educação especializada

P. 3

Uma teologia de esgotos



DESCOBI QUE O CÉU



É VER OS OUTROS FELIZES
Dom Luciano Mendes de Almeida

Dom Luciano Mendes de Almeida com crianças numa favela, São Paulo, Brasil.

Andando pelas ruas da Cidade de São Paulo, o que faço com frequência, e` uma experiencia provocativa. Emocoes e reflexoes são abundantes, geradas pelo estado de calamidade que se encontra neste mundo subterraneo , onde homens, mulheres e crianças vivem a face invisivel da exclusao.

Existe porem, a sensacao que, as ruas e as pessoas que as habitam, são um desafio nao apenas para a politica, a economia e a fe religiosa. Mas, tambem, constituem uma interrogacao para qualquer pessoa que passar por ai, no que toca ao essencial da nossa humanidade comum.

Esta verdade me veio de maneira bem forte um dia recente, enquanto caminhava na direcao da estacao de trem no bairro Belenzinho da Cidade. No caminho, tinha percebido um senhor se aproximar, carregando seus pretences todos, em dois sacos de plastico. Mas, eu, que tinha passado adiante, de repente, parei para me indagar.

'Porque e` que eu nao tinha reparado a existencia deste homem? Poderia ter saudado ele. Poderia ter dito Bom Dia. Como esta`? Nada disso Fiz. Somente re-affirmei aquilo que ele estava cansado de saber. Ou seja, que ele era um ser inexistente.

Percebendo isso que eu tinha feito, desci os degraus do Metro, e retornando de Volta para Onde tinha visto o homem antes, o encontrei sentado num degrau de concreto, com seus pretences em volta dele.

O que seguiu foi uma conversa de alguns minutos. Perguntei como estava. Se ele tinha comido Aquele dia. E algumas outras banalidades do cotidiano. Entao, antes de

me despedir, procurei algumas moedas no bolso Mas encontrei apenas uma nota de R\$50 e uma Barra de chocolate. E agora? Depois de alguns momentos de hesitacao, extendi as duas maos.

'Vou escolher a Barra de chocolate se me permitir. Porque o essencial, Voce ja me tem dado!'

Enquanto eu ia embora, muita coisa andava pela minha cabeça. Gratidao por esta 'aula' de grace, no meio da Rua. Pelo professor andarliho sem lar. Pelo ensinamento de valores de simplicidade, de dignidade. E pelo insight que se remete ao grande educador filosofo Paulo Freire. 'Cada pessoa que ensina Tambem e`Um aprendiz. E cada que aprende, tambem ensina'.

A Rua tinha re-affirmado Aquilo que Paulo tinha frisado no seu livro A Pedagogia do Oprimido. Mas, nem todos, sejam da Rua Ou de qualquer outra periferia, iam poder repeti-lo. Muitos, se nao a maioria, provavelmente, internalisaria o opressor. Ou talvez possuir consciencia critica nenhuma. Sorte para o inicio do nosso trabalho socio-pastoral nas favelas da regiao Leste da Cidade, na decada dos anos 1970, Paulo Freire estava voltando dos seus 16 anos de exilio. Foi por causa dele, que a gente comecou a entender a abordagem estrutural e nao apenas individual, em relacao as questoes da miseria daquela epoca. Abordagem estrutural esta, que exigia respeitar os valores daqueles que sao marginalizados. Ou seja, conforme Paulo, era essencial juntar a Justica a Caridade. o Pao e a Poesia.

Para mim, pessoalmente, a primeira tentativa maior Nesse sentido, se iniciou com um projeto de esgoto numa das maiores favelas da Cidade. A questao, segundo Freire, nao era simplesmente chegar e 'decretar a solucao'. Dizer que Estes esgotos cheios de ratos são um desastre. Essencial era, toda uma abordagem pedagogica junta com a comunidade . E precisava se iniciar na escuta das estorias contadas diariamente pela boca do Povo.

Nesse exercicio, a historia que vinha mais contada era sempre de Cunho religioso. Criticos mais puristas teriam dito que tais conversas eram conversas para boi dormir. Mas, para entrar no processo pedagogico de Freire, era necessario ser uma mosca na parede. Assim, a gente foi se juntar aos frequentes encontros de oracao, juntos com os ratos e o fedor.

A pratica continuou Durante um ano, indo de Casa em casa. Finalmente, O povo sacou que o padre tambem era um aprendiz. E que, embora ele tivesse 'leitura', ele nao sabia Tudo!! Em contrapartida, o povo, embora nao tivesse 'leitura', sabia muita coisa que o padre nao sabia.!!

Cinco anos mais tarde, depois de muito cavocar com pa, com enxada, ate com a Mao. E muitas encrencas, lutas, decepcoes e momentos de gracia, Durante os quais muita gente crecia em experiencia, maturidade e estatura, a obra terminou. E os ratos e o fedor se foram. Era o inicio de uma longa estoria daquela favela e do Movimento das favelas em Geral. Uma estoria que continua ate hoje. Que nasceu com a oracao e continua com o louvor.



Pe. Patrick Clarke, CSSp.

Missão Espiritana no Uganda e a Educação especializada

Todos os missionários espiritanos são chamados a trabalhar na promoção e na libertação dos marginalizados, dos oprimidos e dos mais desfavorecidos das nossas sociedades (RVE 4). Os marginalizados de hoje incluem as pessoas portadoras de deficiência física, isto é, os invisuais, os estropiados, os surdos, etc. Muitas vezes, essas pessoas não são tomadas em consideração quando se trata de Educação. Isto acontece, sobretudo, por se tratar de pequenos números em comparação com a população total. Há ainda a impressão que a sua Educação é mais cara que a Educação ordinária. À Educação que se lhes ministra dá-se o nome de Educação especializada. Apoiar-se em professores especialmente formados e utilizar dispositivos de ajuda, tais como máquinas 'Braille' para os invisuais, as cadeiras de rodas para facilitar os movimentos dos que são deficientes motores, etc. A missão espiritana no Uganda empenhou-se na educação de pessoas portadoras de deficiência. Abriam uma escola de ensino básico para crianças com deficiências auditivas.



Bloco de administração

A Escola para surdos 'S. Francisco de Sales', em Mulago, começou discretamente em 1998. Os confrades da paróquia de Mulago, em particular o P. Harry Tullemans CSSp, foram sensibilizados pelas necessidades de Angel, uma surda oriunda de uma família pobre. Tentaram inscrever-na na Escola ugandesa para surdos, em Ntinda, mas disseram-lhes que já não havia lugar. Por isso, com ousadia, decidiram começar a escola para ela debaixo de uma árvore na propriedade de paróquia. Como tentaram formalizar esta iniciativa, surgiu uma outra criança surda. Dorothée e outras crianças se seguiram. Os primeiros professores especializados no ensino de surdos vinham da Escola de Ntinda, em part-time. A Escola foi crescendo, lentamente

mas de forma sustentada, a ponto de chegar à situação actual. Nesse processo de crescimento, os confrades foram procurando apoios junto de pessoas singulares e de ONG's para construírem as primeiras salas na paróquia. Essa Escola tem hoje salas para a Maternal e uma secção completa de Ensino Básico. Uma parte da Escola continua a ocupar terrenos da paróquia: os gabinetes administrativos e algumas salas. Uma outra parte da Escola (dormitórios e outras salas) encontra-se do outro lado da rua. Actualmente, tem 186 alunos inscritos e 23 professores.

A Educação Especializada é um tipo de educação que visa ajudar as crianças portadoras de deficiência em função das suas necessidades educativas individuais. E, para além do ensino e da aprendizagem de modelo habitual, a Especializada emprega professores com uma formação própria, com métodos e dispositivos de ajuda durante o seu ensino. 'Ajuda' quer dizer que um professor ou um estudante que aprende também dão um passo suplementar para ajudar a pessoa deficiente a fim de assegurar que ele (ou ela) compreendeu bem o que foi ensinado. Por exemplo: um professor pode ir até junto de um aluno para repetir uma ou duas vezes o que foi ensinado a toda a classe. Mas isso pode implicar o uso de uma linguagem modificada, por exemplo, a linguagem gestual para surdos ou as técnicas tácteis para os invisuais. As ferramentas de ajuda podem incluir a caneta ou uma máquina Braille para os invisuais.

Esta Educação visa o desenvolvimento integral das capacidades desses alunos, a sua independência e a sua participação social. Esta educação pode ser oferecida numa escola ordinária ou numa escola especial, tal como acontece numa escola para surdos, para invisuais, para portadores de deficiências motoras ou outras. O critério principal para determinar se um aluno deve ou não estar numa escola ordinária ou especial é a avaliação que se faz da gravidade da sua deficiência.

Surdez

Em geral, os surdos são pessoas que não podem ouvir nem falar. Mas há categorias específicas entre estes, caso a pessoa seja completamente surda ou não. Os que ouvem um pouco são classificados como 'duros de ouvido'. Há outros níveis de perda de audição como a surdez com possibilidade de comunicação visual primária, a surdez com possibilidade de comunicação auditiva primária e ainda a perda de audição com possibilidade de comunicação visual primária e a perda de audição com a possibilidade de comunicação auditiva primária. Certos países reconheceram já que, em cada 1000 recém-nascidos há de 1 a 3 que são surdos ou 'duros de ouvido'. Estima-se que 90% das crianças 'duras de ouvido' nascem de pais que não são surdos e, por isso, não conhecem a linguagem gestual. O número de crianças 'duras de ouvido' continua a aumentar à medida que elas crescem.

A linguagem gestual é o meio de instrução durante o tempo de escolaridade. Esta linguagem é particularmente baseada nos sinais da mão e das expressões faciais. A escrita também é diferente, pois criam frases para rimar com os sinais que fazem. Quando outras pessoas lêem os seus



escritos, podem considerar que a construção da frase é errada, mas essa é a forma dos surdos se exprimirem por escrito.

A Escola dos Surdos de Mulago segue o curriculum de educação geral para as Escolas do Ensino Básico. Têm o mesmo exame de fim de estudos primários que as restantes escolas. Já tiveram candidatos para este exame. Neste ano de 2018 há 24 candidatos. Desde a fundação da escola, pelo menos três dos alunos conseguiram seguir o sistema educativo ugandês até à universidade. Eles já receberam o seu diploma.

Problemas confrontados pela Escola dos Surdos

Os alunos vêm de todas as regiões do país. Isto é espantoso porque há escolas semelhantes noutras regiões. Será porque as outras escolas não têm tanta qualidade ou porque elas já estão cheias, como a de Ntinda em 1998? Isto prova que a quantidade de população surda está a aumentar no país e exige uma verdadeira atenção.

Famílias necessitadas. Alguns estudantes vêm de famílias necessitadas e a deficiência não é resultado de uma escolha. Para elas, as despesas escolares e de deslocação são um desafio real. Muitos alunos têm de permanecer nas imediações da escola durante os feriados! É preciso notar que a escola funciona como internato para todos os alunos. Como está situada num bairro periférico, seria perigoso pedir aos alunos que tomassem um transporte. Muitas vezes, os motoristas buzina para eles sem saber que eles não ouvem nada.

Falta de instituições após o ensino básico. Há poucas escolas secundárias e, mesmo assim, as condições académicas exigidas pelo secundário não são, muitas vezes, preenchidas. Os institutos de ensino técnico podem servi-los melhor para os equipar de competências que os tornarão autónomos, mas há poucos institutos técnicos. Resultado: alguns alunos regressam às suas famílias depois do ensino básico sem terem qualquer competência que os torne autónomos. Uma escola para surdos criou uma secção técnica que funciona em simultâneo com o programa da escola de ensino básico. É o ideal para todas as escolas semelhantes se queremos mesmo criar as condições para que os estudantes se libertem e sejam autónomos.

A idade dos alunos. Embora seja uma escola do ensino básico, a idade com que se levam alguns à escola dos surdos é mais elevada que a normal. Tal se deve, principalmente, à falta de conhecimento, por parte dos pais, da existência de tais escolas especiais. Mas também influem factores como os limites financeiros dos pais que vivem longe dessas escolas, bem como o facto de muitos pais recusarem reconhecer que o filho é deficiente (alguns até os afastam dos espaços públicos, pois têm vergonha deles, etc). Por isso, é corrente encontrar uma criança de dez anos ainda na secção maternal. Esta situação afecta o aluno a ponto de, no fim do ensino básico, não queira continuar a estudar.

Certos pais têm uma atitude negativa para com os seus filhos deficientes. Como não alimentam expectativas sobre

eles, não sentem a obrigação de os cuidar e educar, como fazem com os outros filhos. Os filhos de pais com esta atitude negativa são, muitas vezes, levados à escola por um outro membro da família ou um vizinho. Nesta situação, o cuidado educativo e a coordenação entre a escola e o lar tornam-se difíceis. Tais crianças são, muitas vezes, abandonadas na escola nos feriados com pouco ou nenhum meio de subsistência!



Tempo de recreação

Conclusão

Evitamos, muitas vezes, aventurar-nos no desconhecido. A educação dos surdos foi uma aventura estranha para os confrades daquele tempo. Ao mesmo tempo, reconhecemos que se justificava à luz da Regra de Vida Espiritana. O número de alunos que vieram e o começo de uma escola integralmente dedicada aos surdos é um sinal claro que era um ministério que correspondia a uma necessidade. É preciso saudar esses confrades pela sua audácia e admitir que eles nos lançaram um desafio de olhar para os marginalizados que estão à nossa volta. Nós devemos agir e trabalhar para diminuir o seu sofrimento de acordo com as possibilidades que o Senhor nos dará.

Pe. Bonaventure Ssebyanzi, CSSP

Referências Bibliográficas:

1. Baker, T. (2009). Vocational Services for the Deaf and Hard of Hearing through a Comprehensive Service Center. Honolulu, HI: Legislative Reference Bureau.
2. Alfano, A.R. (2018). 'Communication Between Spanish-Speaking Mothers and Their Children with Hearing Loss Who Use ASL.' Communication Disorders Quarterly. 1 – 26.
3. Spellun, A.S. & Kushalnagar, P. (2018). 'Sign Language for Deaf Infants: A Key Intervention for a Developmental Emergency.' Clinical Pediatrics. 1 – 8.



Metodologia da Educação Não Formal

Continuação da p. 1

Relação entre Teoria e Práxis

Muitas vezes há muita pouca consciência da diferença de metodologia entre educação formal e não educação não formal. As metodologias são, de fato, muito diferentes. Ambas as metodologias têm a ver com a relação entre teoria e práxis. O ponto de partida de cada abordagem é diferente. A abordagem Educacional Formal tende a usar uma METODOLOGIA DEDUTIVA que começa com a teoria, dando uma aula ou uma palestra na qual a prioridade é dada à teoria e princípios teóricos. Isso funciona bem em uma situação de escola. A educação não formal faz o oposto. Seu ponto de partida é a práxis (realidade que é refletida). Utiliza uma METODOLOGIA INDUTIVA, começando com a realidade, com a vida das pessoas e a situação concreta onde as pessoas se encontram. O método VER JULGAR AGIR é um exemplo de método indutivo bem conhecido na Igreja e definido no documento “Mater et Magistra” do Papa João XXIII como o melhor método para criar consciência social. Este método foi consagrado pela Igreja da América Latina e continua sendo usado para a estrutura da maioria dos seus documentos. Na metodologia de educação não formal, a evangelização e não é mais somente uma questão de aprender os ensinamentos da Igreja, mas, sim, de tornar a religião e a doutrina relevantes para a vida das pessoas, começando pelos desafios enfrentados na vida diária. Assim é mais fácil ligar fé e vida. Quando alguém começa com a teoria, com a doutrina, é mais difícil ligar a fé e a vida.

A metodologia indutiva da educação não formal requer uma interação contínua entre teoria e práxis (realidade e prática que são refletidas). A realidade corrige a teoria e a teoria ilumina a realidade. A base do fundamentalismo é a crença de que a teoria está pronta e só precisa ser aplicada à realidade. Nesta abordagem de cima para baixo, a realidade tem que se encaixar na teoria e não vice-versa. É por isso que é muito difícil dialogar com um fundamentalista cuja metodologia é puramente dedutiva. Trata-se de uma pessoa fechada que não tem interesse em evoluir e adaptar-se a novas situações. Em sua forma extrema, essa abordagem dogmática foi a base do nazismo que levou à Segunda Guerra Mundial e do populismo de direita de Donald Trump e outros líderes políticos que estão ganhando influência no mundo todo. A metodologia indutiva ajuda as pessoas a pensarem por si mesmas em vez de apenas repetir o que aprenderam. O conhecido educador brasileiro, Paulo Freire, distingue o que ele chama de “educação bancária”, que apenas coloca informações na mente das pessoas e “educação para a libertação”, que desenvolve uma consciência crítica. O primeiro pode ser facilmente manipulado por líderes políticos inescrupulosos, enquanto o segundo, não.

Jesus e Metodologia Indutiva

A história dos discípulos a caminho de Emaus mostra como Jesus usa essa metodologia indutiva. Ele não começa dando uma palestra. Em vez disso, ele caminha com os discípulos e usa como ponto de partida sua situação de desânimo e desilusão. Ele pergunta: “Do que vocês estão falando no caminho?” Depois de receber a resposta Ele explica a teoria bíblica que ilumina a situação na qual os discípulos se encontram. E somente no final da caminhada seus ouvintes o reconhecem, no repartir do pão. Eles imediatamente se envolvem em ação, correndo para contar aos outros. Assim, encontramos Jesus usando a sequência do método Ver Julgar antes de ser codificado por Cardijn,¹ o fundador da *Jeunesse Ouvrière Chrétienne* (JOC). Jesus usa a mesma metodologia com a mulher samaritana no poço.

A educação não formal não se limita a paróquias, a pastorais, ONGs etc. Pode, também, coexistir com a educação formal e ser eficaz em certas situações dentro do ambiente escolar. De fato, se não houver alguma abordagem não formal, a graduação de uma escola católica frequentemente significa também a graduação da Igreja Católica. Como jovem que cresceu na Irlanda nos anos cinquenta e sessenta, fui catequizado pela metodologia da Educação Formal, dentro do sistema escolar católico. Funcionou naquele tempo, no entanto, agora não funciona mais porque o contexto cultural mudou de uma cultura rural ou pré-moderna para uma cultura moderna e pós-moderna que exige que a Igreja e a doutrina sejam relevantes. Uma transparência é exigida hoje e não foi exigida antes. Como resultado, a família que anteriormente conseguiu transmitir a fé aos seus filhos agora encontra enormes dificuldades no novo ambiente cultural, onde uma metodologia de cima para baixo encontra forte resistência.

As limitações da metodologia dedutiva para a evangelização

Há alguns anos, voltei para meu país de nascimento, a Irlanda, para organizar um curso para jovens. Em uma reunião prévia, com alguns líderes jovens, para preparar o material de propaganda do curso me disseram que a versão brasileira teria que ser mudada. Achavam que seria melhor não mencionar Jesus Cristo e a Bíblia para não provocar uma reação negativa dos jovens a serem convidados. Trata-se de uma forte crítica a metodologia de catequese usada até então. Ao longo dos anos, as aulas religiosas diárias nas escolas católicas transmitiram conhecimento teórico sobre o cristianismo. Mas a fé não é um assunto intelectual. Os dois pilares da fé faltaram: um encontro pessoal com Jesus Cristo como o rosto humano de Deus e o Evangelho como um programa de vida. Independentemente do que foi colocado no folheto de propaganda, era óbvio que apenas uma abordagem educacional não-formal, iniciada a partir da realidade dos jovens, funcionaria. As consequências negativas de uma metodologia educacional puramente

¹ O padre Joseph Cardijn, futuro cardeal Joseph Cardijn, fundou a JOC na Bélgica após a Primeira Guerra Mundial.



formal que dá prioridade à teoria têm sido dramáticas, no contexto irlandês. Um fenômeno semelhante está ocorrendo em outros países ao redor do mundo. Num curto espaço de tempo, a indiferença, o colapso das vocações à vida religiosa, e o afastamento de um grande número de jovens da instituição ameaçam o futuro da Igreja. A Igreja está descobrindo que não tem mais um público cativo. O primeiro passo é partir dos interesses dos jovens, encantar os jovens para depois dar outros passos no itinerário da educação na fé.

A opção pelos pobres

O carisma espiritano dá prioridade aos setores da população que estão sendo excluídos da integração social. Neste contexto, Libermann foi rápido em perceber que não se podia trabalhar pela emancipação dos pobres sem trabalhar para sua educação e que a educação (formal e não formal) pode ser uma arma poderosas contra a pobreza, a ignorância e a doença e ajudar as pessoas a melhorarem suas vidas. Aqui, a metodologia educacional não-formal pode ser valiosa, pois começa com a realidade da vida das pessoas, especialmente aquelas que estão à margem, facilitando a integração da fé e da vida, o Evangelho e os problemas sociais. Este será o teste decisivo da capacidade da Igreja de continuar a ser relevante no mundo moderno. Bonhoeffer, o teólogo luterano que morreu num campo de concentração devido a sua oposição ao Hitler, dizia: “ o desafio da Igreja é de evangelizar um mundo que se tornou adulto” .

Níveis Micro e Macro

A abordagem educacional não-formal facilita a ligação de dois níveis: o nível micro das relações pessoais e o nível macro de como a sociedade está organizada através de estruturas sociais, econômicas e políticas que exercem poderosa influência sobre as causas estruturais da pobreza. Permanecer apenas no nível micro é negar nosso dever de formar pessoas como cidadãos para construir um mundo melhor. O processo educacional precisa considerar duas coisas: 1. a necessidade de mudar as pessoas (pecado pessoal) e 2. mudar as estruturas sociais, políticas e econômicas injustas na sociedade (pecado social). Isso envolve criar consciência das causas estruturais mais profundas dos males sociais, para que as pessoas não possam ser ingenuamente manipuladas por líderes inescrupulosos. A maneira como organizamos a sociedade pode muitas vezes favorecer os interesses de poderosos grupos de elite. O processo de conscientização política e social deve considerar o princípio educacional de um crescimento que é gradual, que envolve o trabalho em grupo e que passa por etapas.

Formação de agentes pastorais para o uso da metodologia educacional não-formal

Um documento sobre educação, preparado para o Capítulo Geral Espiritano em 2012, aponta: “Precisamos formar educadores, preparando pessoas especializadas, como professores e gestores, para nossos trabalhos educacionais formais. Mas também precisamos preparar pessoas

competentes no uso da metodologia de educação não-formal que começa com a vida das pessoas, o que chamamos de metodologia indutiva”.

Muitos agentes pastorais (sacerdotes, irmãs, leigos) foram treinados para trabalhar em um ambiente educacional formal, institucional ou dentro das instituições e têm dificuldade em se adaptar às novas regras da educação não-formal. Eles são competentes quando se trata de dar uma palestra, uma aula ou organizar de cima para baixo. Mas na pastoral têm dificuldade em entender que as regras, as atitudes e os métodos agora têm que ser diferentes. Em uma situação escolar, o professor pode contar com a presença contínua de seus alunos. Mesmo com um mau professor, os alunos continuam a frequentar porque precisam de obter um diploma no final do curso. Sem um diploma, eles não conseguirão um emprego no futuro. E sem emprego eles não poderão comer, casar, comprar uma casa ou criar uma família.

Por outro lado, em uma situação não-formal ou comunitária a motivação é diferente. O agente pastoral não tem um público preso, mas deve motivar as pessoas a comparecer ao primeiro encontro, retornar ao encontro seguinte e assim por diante. Quando as reuniões se tornam cansativas, repetitivos e medíocres os jovens tendem a desistir. A pastoral não tem clientes garantidos e, para ser bem-sucedido, é necessária uma alta capacidade de adaptação e criatividade. O agente de pastoral tem duas opções: 1. adaptar-se e responder às necessidades das pessoas e assim motivar a continuidade ou 2. enfrentar o fracasso.

Assim, a educação não-formal exige que comecemos a partir da realidade onde as pessoas estão e com suas necessidades: amar e ser amado; ser reconhecido; ter segurança material e identidade; fazer parte de uma comunidade ou grupo que lhes dá as habilidades para viver junto com os outros, ter satisfação emocional em relacionamentos interpessoais; ser gentil e receber gentileza; dar sentido à própria vida, transcender a si mesmo, estar em contato com o sagrado, fazer parte de um grupo humano e contar com ele para lidar com os desafios da vida. Este ponto de partida, se bem acompanhado, deve levar a uma profunda experiência espiritual de uma fé baseada no encontro pessoal com Jesus Cristo como face humana de Deus e na adoção de sua proposta de projeto de vida baseado nos valores do Evangelho. Se não começarmos com os interesses dos jovens, não podemos manter o interesse deles. Para evangelizar os jovens de hoje, não basta dar aula. Precisamos encantar os jovens, conquistar sua confiança e depois começar juntos uma jornada de fé - uma jornada que substitui um estilo de vida superficial e oco por um estilo que tem um significado mais profundo. Se deixarmos de apresentar o Evangelho como uma resposta a essas necessidades, a Igreja e o Evangelho se tornam irrelevantes. Deixamos de dar resposta a uma jovem que comentou comigo: “A Igreja Católica tem só a missa, e isso é chato”.

Uma experiência concreta de como se pode usar a Educação não formal



Pe. George Boran com a equipe de liderança da juventude Depois da minha ordenação como missionária espiritual, decidi muito cedo especializar-me no trabalho pastoral com jovens, como o maior desafio para a Igreja hoje. A juventude é a fase da vida humana onde são tomadas importantes decisões que determinam opções futuras e, por isso, é importante que a Igreja esteja presente para ajudar no processo de discernimento. Além disso, o futuro de todas as instituições depende de sua capacidade de atrair e envolver a próxima geração. Como consequência, comecei a escrever extensivamente sobre metodologia do trabalho com jovens. Um dos princípios tradicionais nos documentos da igreja é que os jovens são os melhores apóstolos de outros jovens. E isso é verdade. No entanto, não é suficiente anunciar o princípio para que ele funcione. Os jovens precisam de duas coisas para serem apóstolos eficazes de outros jovens: 1. serem treinados e 2. ter à sua disposição programas profissionais, adaptáveis, baseados na metodologia de educação não-formal que podem ser reproduzidos e assim atingir mais gente. Portanto, a necessidade de treinar treinadores.

Em nosso Centro de Capacitação da Juventude (CCJ), desenvolvemos um programa de treinamento de líderes chamado “Curso de Dinâmica para Líderes (CDL)”. Este programa funciona em três níveis: 1º nível, para iniciantes, 2º nível para líderes comprometidos e o 3º nível que usa as artes: música, dança, treinamento de voz, expressão corporal e teatro para motivar e envolver os jovens. O sucesso desses cursos pode ser medido pelo fato de terem sido traduzidos para diferentes idiomas: português, espanhol, inglês, alemão e o idioma ucraniano. No Brasil, os cursos são organizados em nível local e nacional. Os participantes são principalmente jovens que participam nos grupos de jovens nas paróquias e escolas, a nível local. As equipes são organizadas em nível diocesano ou congregacional. Os cursos são reproduzidos em mais de 110 dioceses no Brasil. Já foram, também, reproduzidos na Europa, Estados Unidos e África. Por causa da metodologia utilizada, o CDL pode ser facilmente adaptada a diferentes culturas. O sucesso é resultado, em parte, de um método especial de treinamento dos jovens monitores que chamamos de Método de Simulação. Nas sessões de treinamento anterior, as palestras e dinâmicas são apresentadas pelos membros da equipe de coordenação e, em seguida, são avaliadas por seus colegas e facilitadores mais experientes. Monitores relaxados que não tem costume de preparação seria descobrem que, com esta metodologia não é possível blefar. São obrigados a admitir que não se preparam com seriedade. Por isso são fortemente motivados na próxima sessão de treino a não repetir a experiência negativa – para não passar vergonha de novo.

Há disponibilidade de materiais educativos como manuais, modelos de palestras preparadas em PowerPoint que podem ser adaptados, e um DVD de treinamento. Os cursos estão sendo sempre atualizados. Novo material está sendo integrado continuamente ao manual original e este material pode ser acessado no Dropbox do do Centro (CCJ).

Para garantir a continuidade, trabalhamos apenas com candidatos vinculados a organizações existentes. O objetivo é de formar jovens que ao regressarem às suas próprias paróquias, comunidades, movimentos ou organizações ajudem a renovar suas organizações e a saírem em missão para alcançar mais pessoas.²



Pe. George Boran com a equipe de liderança da juventude

A metodologia não formal utilizada nos cursos é muito atraente e bem-sucedida :

- Várias palestras são complementadas por diferentes exercícios. Situações de aprendizagem são criadas onde os participantes aprendem fazendo. Os jovens descobrem seus talentos, sua capacidade de se comunicar com os outros, a pensar por si mesmos. Este método contrasta com grande parte da metodologia na Igreja hoje, de falar para as pessoas e tratá-las como audiência passiva.
- Há grande variedade, a aprendizagem é feita de forma divertida e há um forte espírito de amizade e união.
- O programa ou curso pode ser facilmente reproduzido para impactar mais pessoas e envolver um número cada vez maior de pessoas. Este é um dos aspectos mais importantes do curso, o efeito multiplicador, de treinar treinadores.
- Alguns dos que fizeram os cursos são convidados a voltar para ministrar os cursos a outras pessoas e, assim, passar por um segundo e mais profundo nível de formação. Aqui usamos um princípio educacional importante: “a melhor maneira de aprender alguma coisa é ser obrigada a ensiná-la aos outros”.
- Os cursos podem também ser facilmente adaptados a grupos-alvo muito diferentes: principiantes, líderes, estudantes nas escolas,

² Mais informações e material pedagógico podem ser acessadas no site do CCJ: <http://ccj.org.br/>. Para receber ajuda com o treinamento de equipes para reproduzir os cursos de CDL favor entrar em contato através dos e-mails: jorgeboran@gmail.com ou centralcdl@ccj.org.br.



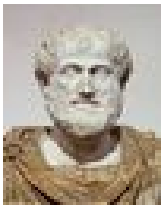
adolescentes se preparando para o Crisma, nas paróquias e nas dioceses e movimentos sociais.

- Os cursos pode ser usado, também, com adultos para ajudar na renovação das paróquias e o fortalecimento dos laços afetivos entre jovens se adultos na comunidade.

Para concluir. Existem muitos sinais de esperança. Em muitos países, a metodologia educacional não-formal para evangelizar jovens e adultos está se tornando uma prioridade. Talvez a Igreja do futuro tenha menos pessoas. Isso não é problema. Segundo a espiritualidade bíblica,

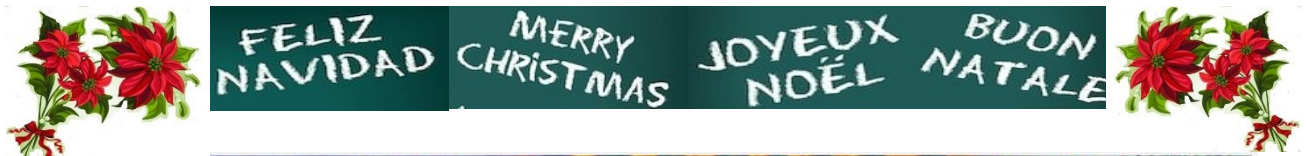
quando somos fracos, nos tornamos fortes. O importante é que sejamos fermento na massa, que evangeliza, não a partir de uma posição de poder clerical, mas sim através do testemunho e do dinamismo de nossos membros, especialmente os jovens. A evangelização se faz pela atração e não a imposição. Nessa tarefa, a abordagem educacional não-formal é uma ferramenta importante.

Pense sobre isto !



"Educar a mente sem educar o coração não tem educação alguma."

- Aristotle



Colaboraram neste Boletim:

Logotipo e Maquete: P. Victor Silva, CSSp.

Coordenador: P. Florentine Mallya, CSSp.

Edição e Tradução: P. Tony Neves, CSSp.

Comissão de Redação : P.P. Joseph Shio, CSSp., Maurice Maurice Shortall, CSSp. e Florentine Mallya, CSSp.

